

Mi me racordo

Maristela
Cavassin Reginato

10 contos
em Talian

a partir de memórias
de infância

(com tradução para o português)

Contos disponíveis em áudios


Pi edições

Copyright © 2022 - Associação Italiana
Padre Alberto Casavecchia

Autoria

Maristela Cavassin Reginato

Coordenação e produção de vídeos

Diego Gabardo

Revisão

Diego Gabardo e Loremi Loregian Penkal

Ilustrações

Cintia Stapassoli

Capa, projeto gráfico e diagramação

Múltiplo Design

Apoio

Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia
e Associazione Veneti nel Mondo Colombo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reginato, Maristela Cavassin

Mi me racordo : 10 contos em Talian a partir
de memórias de infância (com tradução para o
português) / Maristela Cavassin Reginato. --
Colombo, PR : Ed. da Autora, 2022.

ISBN 978-65-00-49544-7

1. Contos - Literatura infantojuvenil
I. Título.

22-120216

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Pi Edições

pii.edicoes@gmail.com
www.instagram.com/piedicoes




Prefácio

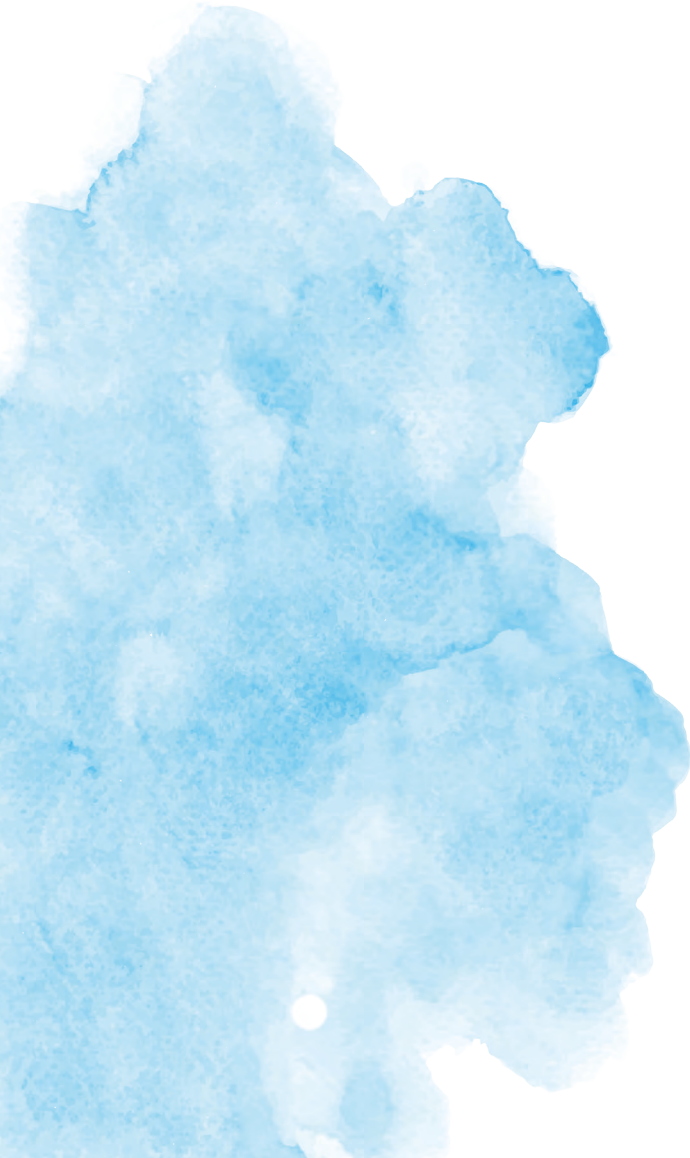
A infância é um período que sempre nos vem à memória. É quando estamos começando a enxergar o mundo e as suas possibilidades. É um período de muito aprendizado e de muitas situações marcantes, sejam elas engraçadas, tristes ou embaraçosas.

Temos, nas próximas páginas, uma coletânea de dez contos que retratam essa fase da vida. Mas eles são narrados primeiramente em Talian, a língua falada por descendentes de imigrantes italianos, como os de Colombo. É pela importante contribuição dessa etnia para a formação da nossa cidade que, em 2021, recebemos o título de “Capital Paranaense do Talian”.

Essa língua é uma herança cultural que foi repassada por várias gerações, de boca em boca, sem deixar muitos registros escritos por aqui.

E aí vem a grandiosidade deste trabalho: ser uma das primeiras literaturas do Talian em Colombo.





Sua autora, Maristela Cavassin Reginato, aprendeu essa língua em casa antes do Português, o qual ela começou a conhecer somente na escola. Depois de muitos anos de vergonha, a Tea, como carinhosamente é chamada pelos amigos e familiares, revelou-se uma grande defensora e promotora desse importante patrimônio cultural em nossa cidade.

Os dez contos aqui apresentados são narrados pela própria Tea. Você pode ouvi-los no Youtube, clicando no botão no início de cada história. As lindas ilustrações são da artista plástica colombense, Cintia Stapassoli.

Espero que essas histórias divirtam, emocionem e encantem as crianças de todas as idades.

Bona etura a tuti voaltri!

Diego Gabardo

Colombense,
falante e pesquisador do Talian,
mestrando em Antropologia,
compare e amigo da Tea.

SUMÁRIO

COMO PRONUNCIAR? 6

Contos:

A PIOVA 7

A POENTA DE PRIE 10

QUANTA PAURA 15

UNA GIORNATA 18

EL FIORETO 22

CATARINEA 25

EL GRÌGIO 30

UNA MATINA FREDA 34

BOCUNITI E BOCON 37

EL DI DEA STRIGA 41

Como pronunciar?

A = sempre com sonoridade aberta

Di = di e não dji

Che = que

Chi = qui

È = é

É = ê

Ge = dje

Ghe = gue

Ghi = gui

Gi = dji

Gn = nh

Gue = güe

Gui = güi

Ò = ó

Ó = ô

Que = cue

Qui = cui

R no início das palavras = r em “carinho”

S entre vogais = som de z

Sce = som de x: “xe”

Sci = som de x: “xi”

S-ce = stche

S-ci = stchi

Ti = ti e não tchi

Clique para
ouvir este conto!

A PIOVA

De note, quando scumissiava a pióvere,
restàvimo tuti continti: no vuivimo dormir par
scoltar a piova.

Ora, me soresa a me trava do pa a finestra par
ciapar tute e latine che ghe gera soto el poron.

Ea a me fava mètele soto e gosse, che vegnea
do dee scàndoe, par sentir a musicheta che a
fava: tin... ten... ton... Tin... ten... ton...

E, cussita, scoltàvimo fin dormir.





Un di, me pare el ze evà su cativo,
parché no el podea dormir par via del
barùgio dea piova.

Quando el ze nato fora, el ga visto
tute quee latine soto, onde cagia do e
gosse de àqua. El saea che girimo stati
noantri a méterle eà.

Ora, el ga ciapà su tute e e ga metisto
via soto el poron nantra volta.

Sti ani, no se trava via e latine. Se
assava tute su'n posto che, quando se
ghesse bisogno, se saea onde catarle.

E el bisogno de noantri, tosatei,
ciaparle, vegnea do insieme coa piova
par ascoltar a musicheta dee gosse
che gera a nostra nana.

A CHUVA

De noite, quando começava a chover, ficávamos todos felizes: não queríamos dormir para escutar a chuva.

Então, minha irmã me colocava fora pela janela para pegar todas as latinhas que havia debaixo do porão.

Ela me fazia colocá-las embaixo das gotas que escorriam pelo telhado para escutar a musiquinha que fazia: tim... tem... tom... Tim... tem... tom...

E assim escutávamos até pegar no sono.

Um dia, meu pai levantou furioso, porque não conseguia dormir por causa do barulho da chuva.

Quando foi para fora, ele viu todas as latinhas espalhadas embaixo de onde caíam as gotas de água. Ele sabia que tínhamos sido nós a colocá-las ali.

Então, ele juntou todas e as colocou novamente no porão.

Antigamente, não se jogava fora as latinhas! Deixava-se todas em um lugar que, quando fosse necessário, sabia-se onde encontrá-las.

E a necessidade de nós, criancinhas, pegá-las vinha juntamente com a chuva, para escutar a musiquinha das gotas que embalava o nosso sono.

**Clique para
ouvir este conto!**

A POENTA DE PRIE

Na volta, ghe gera un viaggiante che el nava de sità in sità par vèndere e so cose. El ghea un mueeto onde el portava su tuto.

E case gera ben lontan una dal'altra e a volte el caminava quasi un di incero par rivar su'n quealtra casa, onde el vendia e so cose e eà i ghe dava un posto par dormir.

Un di, el se ga desmissià e no'l ga visto pi el so mueeto e gnanca e so robe che'l vendia.

De note, ze passà un ladro e el ga portà via tuto. Mancava tri di par iu rivar casa.

El ze nato via ben bonora, a pie, in serca del so mueeto e iu se ga perso in medo al stròdeo.



Gera drio rivar sera e el ze rivà su'n na casa, onde el ga domandà qualcosa da magnar. I ga sarà a porta so a so fàcia e quea note el ga dormisto in medo ae piante.

Su'n quealtro di el ze evà su con fame, parchè no'l ghea magnà gnente el di vanti.

El ga scumissià a caminar e el ga incontrà nantra casa, onde el ghe ga domondà damagnar e a fêmena ga dito ancora che no a ghea gnente par magnar. Stufo, e con fame, el ga pregà al Signor.





Un poco pi avanti el ga visto na fêmena drio avar radici so'l rio e du tosatei che brincava coe prie del stesso rio.

Lu ga pensà: “se ghe diso che go fame, a va dirme che no a ga gnente par magnar. E persone ze corgiose, ora vao cambiar e paroe”.

Lu ze rivà rente a ea e el ghe ga domandà: “Te sî drio avar i radici par magnar con poenta fata de prie?”.

Ea ga responduo: “De prie? Mai visto poenta con prie”.

El ga dito: “Ma mi sò far poenta con prie e a resta massa bona”.

E ora a fêmena o ga invità par far questa poenta. El ga ciapà na sbrancà de prie del rio, ga avà ben puito e el ga messo par bôgere con àqua e sae.

Dopo de fata a poenta con prie,
quando gnensun gera drio vardare,
el ga tirà fora e prie de rento e e ga
sconte.

Dopo de cota, iu a ga messa so'l
panaro e tuti gera in torno a tòea,
corgiosi, par magnar quea poenta.

Iu, ben birbo, ga dito: "Sta poenta resta
massa bona con saeado".

A fèmena, presto, ze evà su dea carega
e a ze nata ciapar na picà de saeado.

Tuti i ga magnà insieme e i ga catà a
poenta massa bona.

Cussita, el ga copà a fame e el ga
podesto nar avanti. E a fèmena no
vedea ora de contarghe a tuti che ea
ghea imparà a far a poenta con prie.



A POLENTA DE PEDRAS

Uma vez, havia um viajante que ia de cidade em cidade para vender as suas coisas. Ele tinha uma mulinha e nela carregava tudo.

As casas eram bem longe uma da outra e, às vezes, ele caminhava quase um dia inteiro para chegar em outra casa, onde ele vendia suas coisas e lá eles lhe davam pouso.

Um dia, ele acordou e não viu mais sua mulinha e nem suas coisas que vendia.

À noite, passou um ladrão e levou embora tudo. Faltavam três dias para chegar em casa.

Ele saiu bem cedo à procura de sua mulinha e se perdeu no meio do caminho.

Estava anoitecendo e ele se aproximou de uma casa, onde pediu algo para comer. Eles fecharam a porta na sua cara e aquela noite ele dormiu ao relento.

No outro dia, levantou-se com fome, porque não havia comido nada no dia anterior.

Ele começou a caminhar e encontrou outra casa, onde pediu comida e a mulher disse que não tinha nada para comer. Cansado e com fome, ele rezou a Deus.

Um pouco mais adiante ele viu uma mulher lavando chicórias no rio e duas crianças que brincavam com as pedras desse rio.

Ele pensou: “se eu disser que estou com fome, ela vai dizer que não tem nada para comer. E, como as pessoas

são curiosas, então vou mudar as palavras”.

Ele chegou perto da mulher e disse: “Você está lavando as chicórias para comer com polenta feita de pedra?”

Ela lhe respondeu: “De pedras? Nunca vi polenta com pedras.”

Ele disse: “Mas eu sei fazer polenta com pedras e fica uma delícia.”

E, então, a mulher o convidou para fazer essa polenta. Ele pegou um punhado de pedras do rio, lavou-as bem e as colocou para ferver com água e sal.

Depois de feita a polenta com pedras, quando ninguém estava olhando, tirou-as de dentro da panela e as escondeu.

Depois de cozida, ele colocou a polenta no panaro e todos já estavam ao redor da mesa curiosos para comer aquela iguaria.

Ele, bem esperto, disse: “Essa polenta fica boa com salame.”

A mulher, rapidamente, se levantou da cadeira e foi buscar uma peça de salame.

Todos comeram juntos e acharam a polenta deliciosa.

Assim, ele matou a fome e pode seguir adiante. E a mulher não via a hora de contar para todos que tinha aprendido a fazer polenta com pedras.

Clique para
ouvir este conto!

QUANTA PAURA

Quando mi go visto, mi gera soto el pagiò, so'l posto pi picoeto che te poe imaginare, piena de piöccii.

I piöccii i me vegnea do par me muso, me récie, in medo ai cavìgii e mi me gratava su senza poder nar fora de eà.

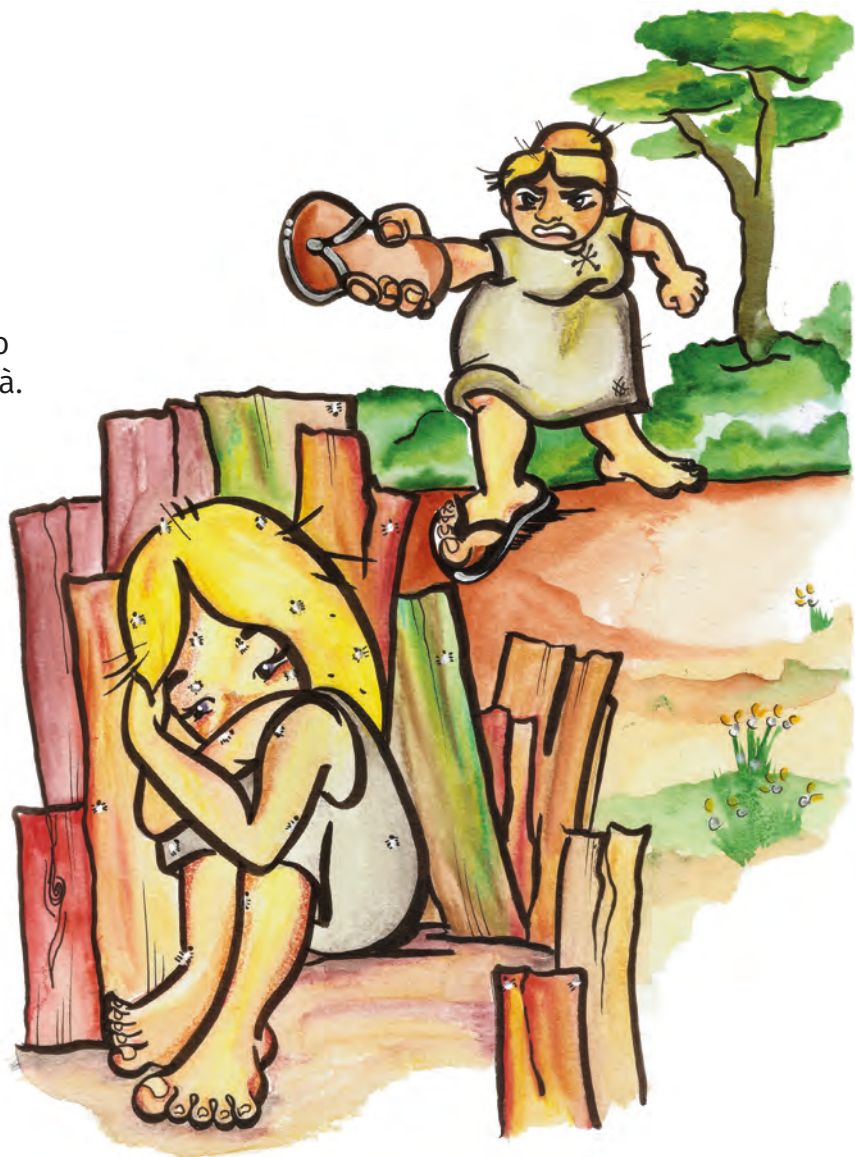
So a parte de fora, a me àmia a me spetava con na sinea in man e a disea: "gien fora de eà che te ciapo".

Mi che non gera bauca son restà eà. Mi cato che ghea tri o quatro ani.

E ora, quando gera drio restar note, mi go visto do man grande e go sentio na ose che disea: "Gien fora de eà, Madona".

Quando go sentisto quea ose, mi son nata presto su i brassi del me pare. Mi saea che iu no me dava bote e me racordo che el me ga portà rento casa. Me go agarà so'l so còeo e no voea pi nar in do dei so brassi.

Da eà na s-cianta, iu me ga domandà: "Parché ze che te ghè fato cossita?" Mi go responduo: "parché si, parché si".



Ma mi no saea par cossa a voea ciaparme e darne bote. Go saesto trenta ani dopo.

A me àmia fava e casate e in sualto ghe gera na tòea granda con tre o quatro careghe e un cambarin, onde i metia via i mes-ciri che no i doparava pi. Ghivimo paura de vèrdelo, parché el gera ben scuro.

Nando in su so a scaea, a sanca ghe gera na cambra e, a drita ghe gera questa tòea onga. E su de questa tòea ghe gera oto a diese casate fresche.

Me fradeo de du ani ze nato su pa i scaini e el ga strucà tute e casate. A me sorea, che a ghea sete ani, a ga dito che gera stata mi far questo, parché gera ea che o tendia e a ghea paura che a me àmia barufasse con ea.

Ma queo che me racordo depì de questa situassion ze che mi no go mai sentio, in questa vita, una proteccion come quea de quel di su i brassi del me pare.



QUANTO MEDO

Quando me dei conta, estava embaixo do paiol, no menor lugarzinho que você possa imaginar, cheia de piolhos.

Os piolhos vinham pelo meu rosto, minhas orelhas, no meio dos cabelos, eu me coçava e sem poder sair dali.

Na parte de fora, a minha tia me esperava com um chinelo na mão e me dizia: “Saia daí que eu te pego”.

E eu, que não era boba, fiquei ali. Acho que eu tinha mais ou menos 3 ou quatro anos.

E então, quando estava quase escurecendo, eu vi duas mãos enormes e escutei uma voz que dizia: “Venha para fora daí, minha Nossa Senhora”.

Quando eu escutei aquela voz, eu fui correndo para os braços do meu pai. Eu sabia que ele não me batia e me lembro que ele me levou para dentro de casa. Agarrei-me em seu pescoço e não queria mais sair de seus braços.

Dali a pouco, ele me perguntou: “Por que você fez

aquilo?” Eu respondi: “Porque sim, porque sim.”

Mas eu não sabia o porquê dela querer me pegar e me surrar. Fiquei sabendo 30 anos depois.

A minha tia fazia queijo e no sótão havia uma mesa grande com três ou quatro cadeiras e um quartinho, onde eles guardavam as coisas que não usavam mais. Tínhamos medo de abri-lo, pois ele era escuro.

Subindo a escada, à esquerda, havia um quarto e, à direita, tinha essa mesa comprida e em cima dela havia 8 a 10 queijos frescos.

Meu irmãozinho de dois anos subiu os degraus da escada e amassou todos os queijos. A minha irmã, que tinha sete anos, disse que fui eu que fiz aquilo, porque ela era a responsável por ele e tinha medo que a minha tia brigasse com ela.

Mas o que me lembro mais desta situação é que nunca senti nessa vida uma proteção como aquela daquele dia, nos braços de meu pai.

Clique para
ouvir este conto!

UNA GIORNATA

Quando gera sìnque boti dea matina, el gàeo scumissiava cantar: cu cu ru cu. Me pare sempre evava su vanti par impigiar el fogo. lu igava el ràdio e nava avarse el muso.

Quando a àqua gera drio bógere, el fava el cafè e bebea na cicra. Dopo, ciapava un poco de àqua morna par avar e tete dea vaca par tirarghe do a ate.

Tuti evava su presto e nava pissar so a caseta che gera fora dea casa.





I tusi, dopo de bebre na cicra de caffè, i ciapava a sapa, insieme col nostro pare, e i nava sapar.

E tose scumissiava postar i eti, smissiare e page del pagion par assar i eti ben postai.

I nisoi gera fati de sachi de sucro e e assava i cussini su so a finestra par ciapar un poco de soe. I cussini gera fati de pene de ochi o de gaine.

Nove boti gera ora dee tose brustoear a poenta e portarghe a merenda a quii che gera drìo laorar so a rossa: na sesta de poenta brustoeà con saeado.

Dopo dea netìssia, se fava el damagnar: fasui, risi e na saeata, o capussi, o verdure dea època.

Quando rivava ùndese e meda, se nava in sualto e se osava tre volte par iuri vegnir magnar. Medo di se magnava e dopo el nostro pare nava riposar vinti minuti.

I tusi brincava e barufava con i can, e tose tirava su i piati dea tòea e portava so'l seciario par avarli. Quando nostro pare evava su, i tornava laorar. E tose netava tuto e scoava el soearo.

Quando rivava tri boti, se portava el cià e na sesta piena de patate dolse, parché i ghea fame.

Sìnque e meda gera ora de portar rento e egne e spini par impigiar el fogo, catar i radici e far a poenta.

Quando rivava sete boti, tuti gera intorno a tòea par magnar. Una tosa metia el panaro so a tòea, benedisia a poenta e a trava do.

Quealtra consava i radici con pesto e asego negro. Dee volte, ghe gera anca e ardee o fasui che se metia insieme ai radici.

Dopo che tuti i finia de magnar, i tusi se sentava do in tera e i scumissiava a ridre e contar causi. E tose tirava via i piati dea tòea, broava su, rasentava i piati e insugava.

Vanti de dormir, tuti se indenociava do par dir su el terso, ma ghe gera sempre quii che se indormensava so a carega de tanto stufi.

Dopo de pregar, se nava in eto, parché quealtro di ghe gera nantra giornata drio aspetar noantri.



UMA JORNADA

Quando era cinco horas da manhã, o galo começava a cantar: cu cu ru cu. Meu pai sempre se levantava antes para acender o fogo. Ele ligava o rádio e ia lavar o rosto.

Quando a água estava fervendo, ele fazia o café e bebia uma xícara. Depois, pegava um pouco de água morna para lavar os ubres da vaca para tirar o leite.

Todos se levantavam rápido e iam fazer xixi na casinha que ficava fora da casa.

Os meninos, depois de tomarem uma xícara de café, pegavam a enxada junto com o nosso pai e iam capinar.

As meninas começavam a arrumar as camas e mexer as palhas do colchão para deixar as camas bem macias.

Os lençóis eram feitos de sacos de açúcar e elas deixavam os travesseiros na janela para pegar um pouco de sol. Os travesseiros eram feitos de pena de ganso ou de galinha.

Nove horas era hora de as meninas assarem a polenta e levar a merenda para aqueles que estavam trabalhando na roça: uma cesta de polenta assada com salame.

Depois da limpeza, preparava-se o almoço: feijão, arroz e uma salada, repolho ou verduras da época.

Quando chegava onze e meia ia-se ao sótão e se gritava três vezes para eles virem comer. Meio-dia se almoçava e depois o nosso pai ia descansar por vinte minutos.

Os meninos brincavam e brigavam com os cachorros, as meninas tiravam os pratos da mesa e os levavam para a pia de madeira para lavá-los. Quando nosso pai se levantava, eles voltavam a trabalhar. As meninas limpavam tudo e varriam o assoalho.

Quando chegava três horas, levava-se o chá e uma cesta de batata doce, porque eles tinham fome.

Cinco e meia era hora de levar para dentro as lenhas e os sapês para acender o fogo, pegar as chicórias e fazer a polenta.

Quando chegava as sete horas, todos estavam ao redor da mesa para jantar. Uma menina colocava o panaro na mesa, abençoava a polenta e a virava.

Outra temperava as chicórias com pesto e vinagre tinto. Às vezes tinha também bacon ou feijão que se coloca junto com as chicórias.

Depois que todos terminavam de comer, os meninos se sentavam no chão e começavam a rir e a contar histórias. As meninas tiravam os pratos da mesa, lavavam a louça e a enxugavam.

Antes de dormir, todos se ajoelhavam para rezar o terço. Tinha sempre aqueles que adormeciam na cadeira de tão cansados.

Depois de rezar, ia-se para a cama, porque no outro dia havia outra jornada nos esperando.

**Clique para
ouvir este conto!**

EL FIORETO

Tuti i sabi me mare fava el fioreto. Ea disea che par guadagnar el paradiso, ghe voea farlo con tanta devossion. E cussita ea insegnava a tuti noantri.

A volte o fàvimo metà, parché a góea gera pi granda. Gera bisogno un fruto dea època, un pomo, na naransa, un pèrsego, na ua, un figo, una amora, e che el fruto restasse davanti noantri par ciaparlo in man, nasarlo, ma non magnarlo.

Questo gera el fioreto, el sacrificissio.

Noantri, a volte, ghìvimo góea el di incero, ma quando rivava a sera, o magnàvimo. Ora ea disea che questo no ghea gnente de vaeor.





Come el sabo ze consagrà a Madona, bisogna far el fioreto. E a mama a disea: “Se o magné, no ghi fato el fioreto”. E ora ghe ocorea aspetar quealtro sabo par poder farlo.

Sempre che se passava un di incero senza magnar el fruto, o qualche cosa de massa bon, a Madona guadagnava un fioreto.

E quando rivàssimo su so’l paradiso, ea naria so’l nostro incontro con tuti i fiuri che i representaria tuto queo che ghèssimo ofertà.

O “PEQUENO SACRIFÍCIO”

Todos os sábados minha mãe fazia o “pequeno sacrifício”! Ela dizia que para ganhar o céu precisávamos fazê-lo com muita devoção. E assim, ela ensinava a todos nós.

Às vezes o fazíamos pela metade, porque a gula era maior. Era preciso ser um fruto da época, uma maçã, uma laranja, um pêssego, uma uva, um figo, uma amora, e que o fruto ficasse na nossa frente para poder pegá-lo e cheirá-lo, mas não comê-lo.

Esse era o “pequeno sacrifício”.

Às vezes passávamos vontade o dia todo, mas quando chegava à noite o comíamos. Então, ela

dizia que esse não valia.

Como o sábado é consagrado à Nossa Senhora, precisa fazer o pequeno sacrifício. E a mamãe dizia: “Se comerem, vocês não fizeram o sacrifício”. E então precisava esperar o outro sábado para poder fazê-lo.

Sempre que se passava um dia inteiro sem comer uma fruta ou qualquer coisa de muito bom, Nossa Senhora ganhava um “pequeno sacrifício”.

E quando chegássemos no paraíso ela iria ao nosso encontro com todas as flores que representariam tudo aquilo que tivéssemos ofertado.

**Clique para
ouvir este conto!**

CATARINEA

Gìrimo tuti sentai do in tera, intorno al fogaaro, col lumin impigià e me mare contando storgiete.

A volte, gera cose che se sussedia a casa del nono, a volte stòrgie inventae e anca stòrgie che i nostri bisnoni i ga portà da Italia. E questa gera una che me mare sempre contava.



Una volta, ghe gera na tosa che non rispetava so pare, gnanca so mare e gnanca a so maestra.

Ea no a voea far i lauri che so mare mandava far e a assava tuto par so sorea.

Dopo ancora a contava busie, disendo che gera ea che a ghea fato. Ma so mare no gera mia bauca e a saea tuto che a fava. El nome dea tosa gera Catarinea.

So mare sempre ghe disea che, chi non rispetava i altri e contava busie, quando e ànime del purgatorio se stufava de vedre tanta ingiustissia, ee vegnea su'n na note ben scura ciapala pa e gambe e strassinarla par tera.

Ma Catarinea fava finta de non ascoltare, girava a schena e no cambiava gnente.



Un di, so pare ze nato viaggiare e a note ga scumissià vegner do pimpian. Gera a note pi scura, mai vista.

In sualto ghe gera tre cambre, una che dormia so pare e so mare, nantra che dormia so sorea e nantra che ea dormia sóea.

Su'n questa note, Catarinea ga scoltà un barùgio forte dea porta che se verdìa e a ze restaa tanto spuraa che a ze nata so a cambra, so'l eto de so mare.

Da eà una s-cianta, a ga scumissià a ascoltar nantra volta el barùgio e na ose che disea: "Catarinea, son so'l primo scain".

Spuraa, a ga dito a so mare: "Mama, a me ciapa", e so mare ghe disea: "Tasi, bruta mata".

Poco tempo dopo, a ga sentio nantra volta a ose: "Catarinea, son so'l secondo scain".

E a tosa ga strucà a mama disendo: "Mama, a me ciapa" e a mama ghe dise ancora "Tasi, bruta mata". E nantra volta a sente: "Catarinea, son so'l terso scain". E, cussita, ze stato fin rivar so'l ùltimo scain.

Quando a ga sentio: "Catarinea, son so'l ùltimo scain", no ga dato tempo de ea parlar gnente.



A ànima ga ciapà a tosa pa e gambe
coe so man frede e a ga strassinà par
tera. Ea ze restaa con tanta paura, che
a se ga pissà adosso.

Dopo de questo, Catarinea no a ga mai
pi dispetà gnensuni e gnanca contà pi
busie.

No stà mia restar con paura de questa
stòrgia. A ve conto par mostrar che ghe
ocor rispetar e voer sempre el ben dei
altri.



CATARINEA

Estávamos todos sentados no chão, em volta do fogão à lenha, com o lampião aceso e minha mãe contando histórias.

Às vezes era sobre coisas que aconteciam na casa do avô, às vezes histórias inventadas e também histórias que nossos bisavôs trouxeram da Itália. E esta era uma que minha mãe sempre contava.

Uma vez havia uma menina que não respeitava seu pai, nem sua mãe e nem sua professora.

Ela não queria fazer as tarefas que sua mãe mandava e deixava tudo para sua irmã.

Depois ainda contava mentiras, dizendo que era ela que havia feito. Mas sua mãe não era boba, não, e sabia tudo o que sua filha fazia. O nome da menina era Catarina.

Sua mãe sempre dizia que quem não respeitava os outros e contava mentiras, quando as almas do purgatório se cansavam de ver tanta injustiça, elas vinham numa noite bem escura puxá-la pelas pernas e arrastá-la pelo chão.

Mas Catarina fingia que não ligava, debochava e não mudava nada.

Um dia, seu pai foi viajar e a noite foi chegando de mansinho. Era a noite mais escura que já se havia visto.

No sótão havia 3 quartos, um em que dormiam seu pai e sua mãe, outro que dormia sua irmã e outro em que ela dormia sozinha.

Nesta noite, Catarina escutou um barulho forte da porta que se abria e ficou com tanto medo que foi para o quarto, na cama com sua mãe.

Daí a pouco começou a escutar outra vez o barulho e uma voz que dizia: “Catarina, estou no primeiro degrau”.

Assustada, ela disse à sua mãe: “Mãe, ela vai me pegar”, e sua mãe lhe dizia: “Fique quieta, sua louca”.

Pouco tempo depois, a menina escutou novamente a voz: “Catarina, estou no segundo degrau”.

E a menina abraçou a mãe dizendo: “Mãe, ela vai me pegar” e a mãe lhe dizia, ainda: “Fique quieta, sua louca”. E, mais uma vez, ela escutou: “Catarina, estou no terceiro degrau”. E assim foi até chegar ao último degrau.

Quando ela ouviu: “Catarina, estou no último degrau”, não deu tempo de falar nada.

A alma pegou a menina pelas pernas, com as mãos geladas, e a arrastou pelo chão. Catarina ficou com tanto medo que fez xixi na calça.

Depois disso, Catarina nunca mais desrespeitou ninguém e nem contou mais mentiras.

Esta história não é para causar medo. Eu a conto a vocês para mostrar que é preciso respeitar e querer sempre o bem dos outros.

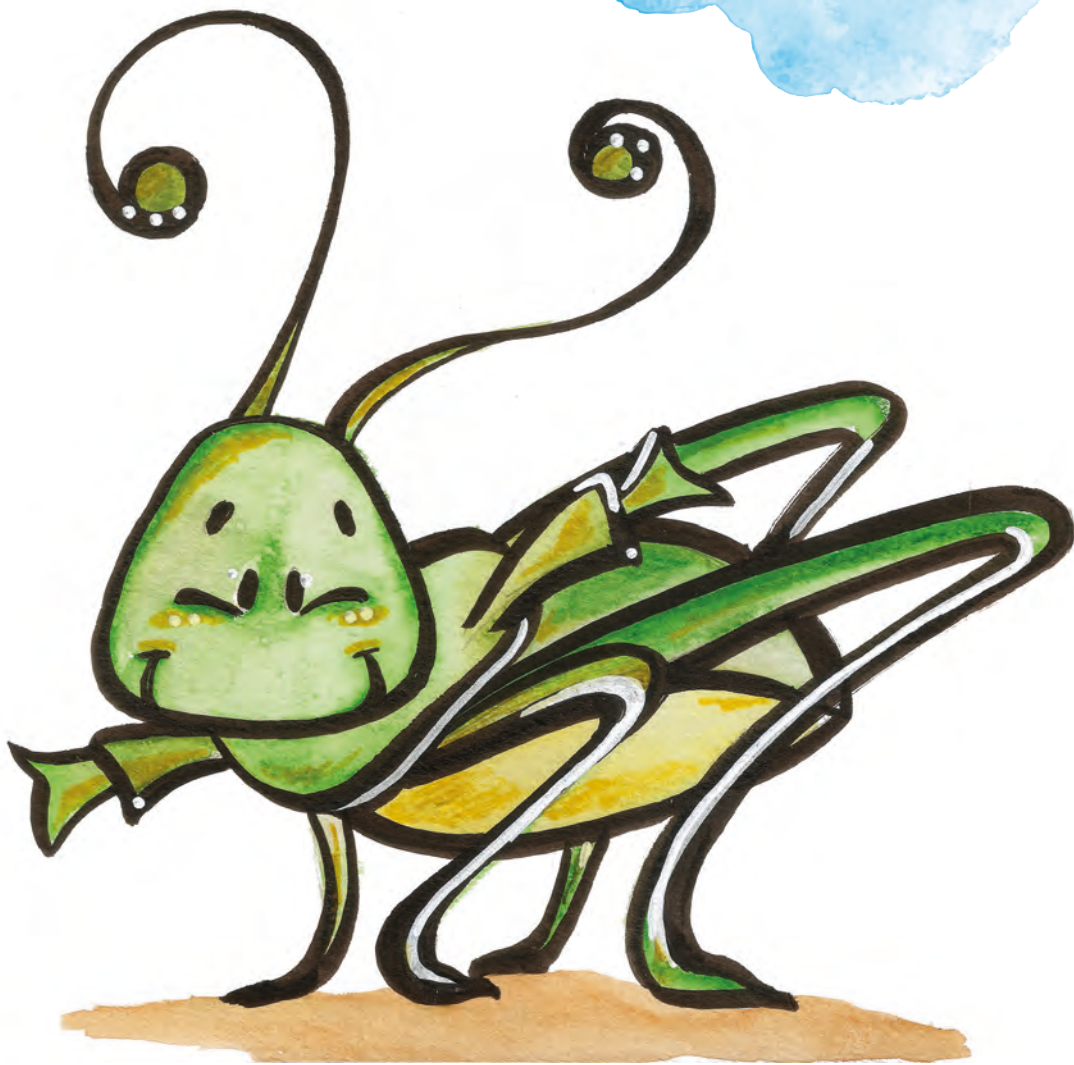
**Clique para
ouvir este conto!**

EL GRÌGIO

Ghivimo un grìgio de stimassion. De di el restava dadrio i piati e e cicre, el se scondeva so a scansia, su so'l seciaro. Èa ghe gera do scansie: una che se metia via i piati e e cicre e qualtra se metia a farsora e i querci.

Tute e note el vegnea fora par cantar e noantri ghe dàvimo poenta. lu magnava e se netava el muso coe manine e, dopo, scumissiava a cantar: cri cri cri cri cri cri cri cri cri cri cri.

De di gera difissie vedelo, ma de note el vegnea fora so'l buseto dei piati e cantava alto. lu dormia dadrio el fogoaro de egne, onde ghe gera na mureta fata de quarei.



Un di el nostro picoeo grìgio no'l ga aparesesto, no'l ga cantà. Ora ghimo scumissia nar in serca de iu, dadrio i piati e cicre, vardando soto e scansie, dadrio el fogoaro, onde iu ghe piasea de restar, so'l caldeto del fognon, ma gnanca eà no'l gera.

Eà de tanto noantri parlar e nar in serca del grìgio, me pare el ga dito: "stamatina, quando son nato smissiar el cafè, no ze che el grìgio ze nato dormir rento so'l bule? Mi no go visto e el ze morto, broà. Ora mi o go tirà fora". E el ga continuà: "Uncó voaltri ghi bebesto cafè de grìgio, parché mi no nava trar via un bule pieno de cafè".





Noantri no saivimo se criavimo, parché
el grigio gera morto broà, o parché
ghivimo bebesto el cafè de grigio.
Roba da mati!

O GRILO

Tínhamos um grilo de estimação. De dia, ficava atrás dos pratos, das xícaras e ele se escondia na prateleira em cima da pia de madeira. Ali, havia duas prateleiras: uma em que se guardava os pratos e as xícaras e, na outra, a frigideira e as tampas.

Todas as noites, o grilo saía para cantar e nós dávamos polenta para ele. Ele comia e se limpava o rosto com as mãozinhas e depois começava a cantar: cri cri cri cri cri cri cri cri cri cri cri.

De dia, era difícil vê-lo, mas, à noite, ele vinha para fora pelo buraco entre os pratos e cantava alto. Ele dormia atrás do fogão à lenha, onde havia uma mureta feita de tijolos.

Um dia, nosso pequeno grilo não apareceu, não

cantou. Então, começamos a procurá-lo atrás dos pratos e xícaras, olhando por debaixo das prateleiras, atrás do fogão, onde ele gostava de ficar, no quentinho do fogão à lenha, mas nem ali não estava.

Então, de tanto nós falarmos e irmos à procura do grilo, meu pai contou: “essa manhã fui mexer o café, mas não é que o grilo foi dormir dentro do bule? Eu não o vi e ele morreu queimado. Então eu o tirei para fora”. E ele continuou: “Hoje vocês tomaram café de grilo, porque eu não ia jogar fora um bule cheio de café”.

Nós não sabíamos se chorávamos, porque o grilo tinha morrido queimado ou porque tínhamos tomado o café de grilo! Que coisa de louco!

**Clique para
ouvir este conto!**

UNA MATINA FREDA

Sete boti ghe ocorea che tuti i saltasse do del eto. Se avava el muso, se bebea el caffè e, dopo, ognun ghea el so laoro de far. Ma chel di ze stato diferente.

Gnensuni i podea scaldarse de tanto fredo che fava.

Quea volta no ghe gera robe calde come uncó e noantri g'irimo sempre desculsi, no ghivimo scarpe.



Girimo tuti intorno al fogaaro, quando me mare ga scaldà ate e mièe e a ghin à dato medo goto par noantri.

Mi, par sparagnarlo, sóeo mogiava i abri e ora a me mare ga dito: “Chi sparagna, el gato magna”.

Mi ghea 8 ani, ma no ghe go dato tanta importànsia par queo che ea ga dito.

Me soera pi dovena o ga bebesto tuto e quando a ga visto che el me goto ancora ghinea qualcosa, a ga scumissià a criar che a voea un poco.

Me mare ga ciapà el me goto e a ghe ga dato metà del mio. Ora, me mare ga palà: “Mi te go dito che: chi sparagna, el gato magna”.

E, cussita, go capio cossa che ea voea dir.



UMA MANHÃ FRIA

Às sete horas, todos tinham que se levantar da cama. Lavava-se o rosto, bebia-se um café e depois cada um tinha sua tarefa para fazer. Mas aquele dia foi diferente.

Ninguém podia se esquentar de tão frio que fazia.

Naqueles tempos não havia roupas quentes como hoje e nós estávamos sempre descalços, não tínhamos sapatos.

Estávamos todos em volta do fogão, quando minha mãe esquentou leite e mel e nos deu meio copo.

Eu, para economizar, só molhava os lábios e,

então, minha mãe disse “quem economiza o gato come”.

Eu tinha oito anos, mas não dei muita importância para aquilo que ela disse.

Minha irmã caçula tomou tudo e quando viu que ainda tinha alguma coisa no meu copo, começou a chorar que queria um pouco.

Minha mãe pegou o meu copo e deu a metade do meu para ela. Então, ela me falou: “Eu te disse que: quem economiza o gato come”.

E assim eu entendi o que ela queria dizer.



Clique para
ouvir este conto!

BOCUNITI E BOCON

Me racordo che quando gera pìcoea e ghea nove ani non ghivimo pi a nostra pora mare.

Ora, tocava a me sorea, che ghea trédese ani, darghe i bocuniti de poenta e cicin a qualtra pi dovena, che ghea sóeo tri ani e no a voea magnar. A ghe dava in boca che gnan un oseeto.

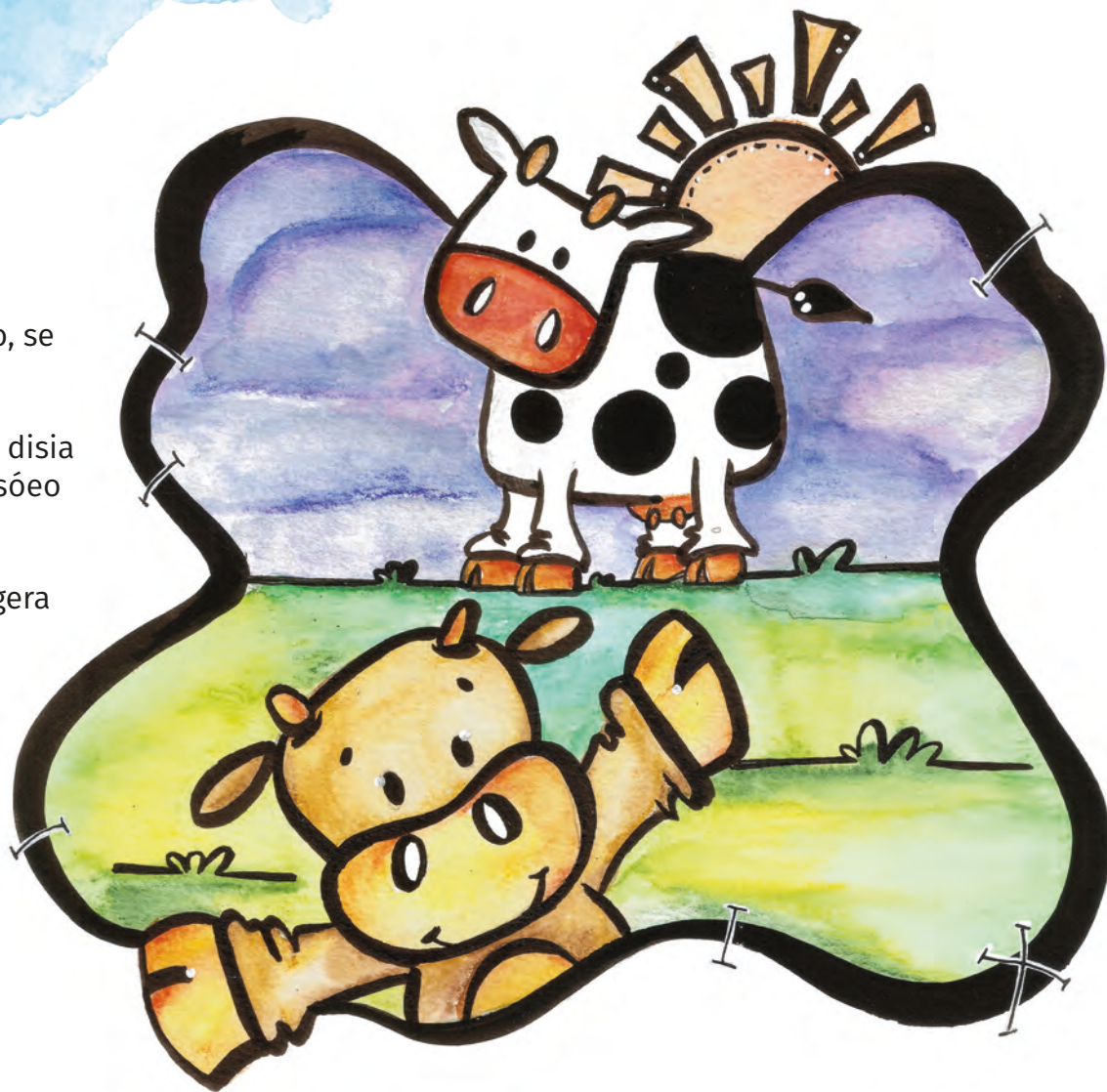
Come non ghivimo tanta roba da magnar, tuti i magnava cossa che i se metia in tòea.

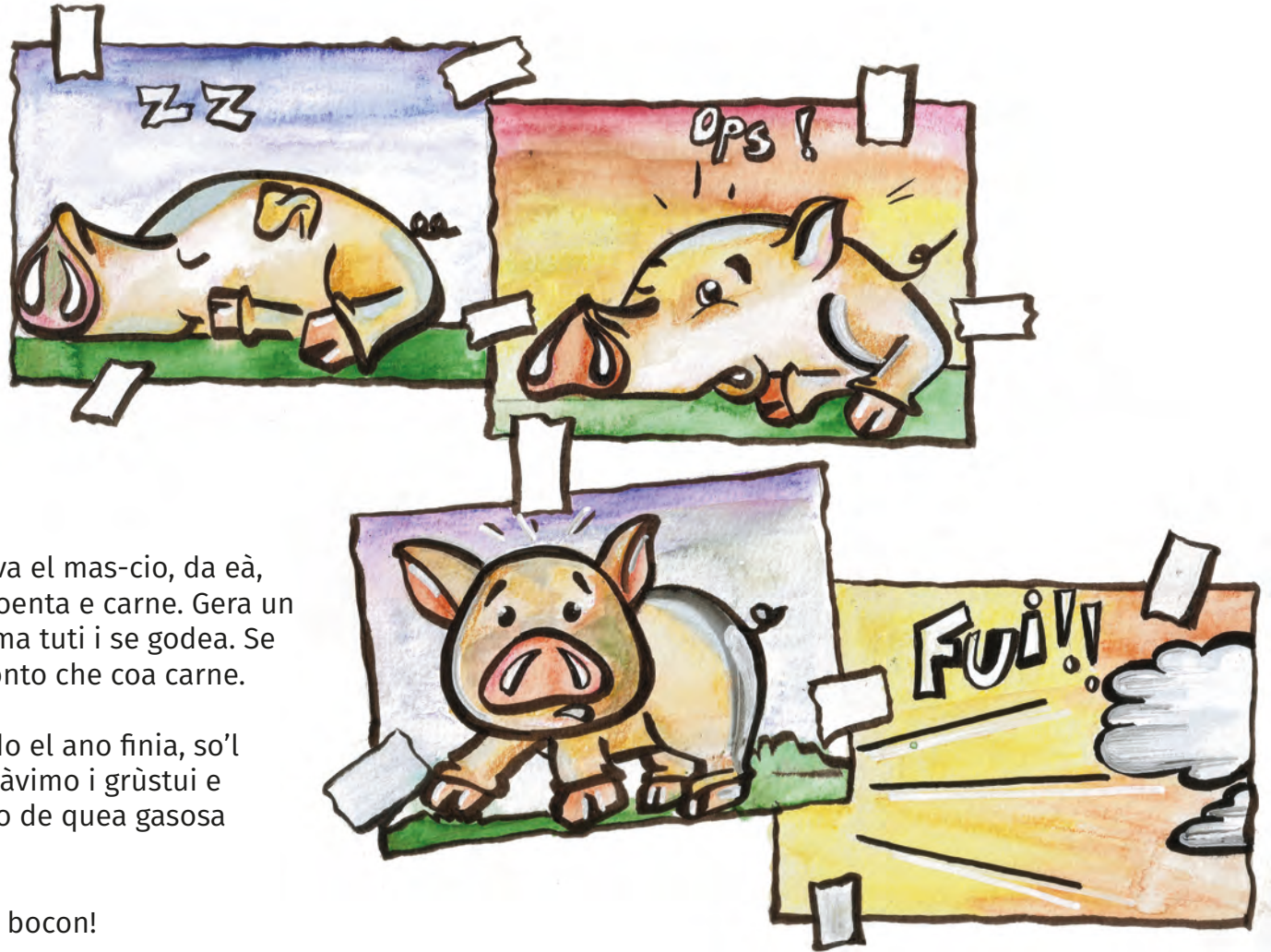
Quando a vaca vegnea col vedeo, se
ghea anca a ate.

A fame gera tanta che gnensuna disia
su, o barufava, parché ghe gera sóeo
queo da magnar.

A poenta no mancava mai. Ghe gera
tuta al di.

A volte, ghe gera cossa pi bona.





Quando se copava el mas-cio, da eà, sî, magnàvimo poenta e carne. Gera un tocateo pîcoeo, ma tuti i se godea. Se magnava pi col onto che coa carne.

Gera sóeo quando el ano finia, so'l Natae, che magnàvimo i grùstui e bebìvimo un goto de quea gasosa rossa.

Ummm... che bel bocon!

BOCADINHAS E BOCADÕES

Lembro-me que quando era pequena e tinha nove anos nossa mãe já havia morrido.

Então, era preciso que minha irmã, que tinha treze anos, desse pedacinhos, bocadinhas de polenta e pedacinhos de pesto para a minha irmã mais nova que tinha só três anos e não queria comer. Ela a alimentava como um passarinho.

Como não tínhamos tanta coisa para comer, todos comiam o que se colocava à mesa.

Quando nascia o bezerrinho, daí tínhamos também o leite.

A fome era tanta que ninguém reclamava ou

brigava por haver só aquilo para comer.

A polenta nunca faltava. Tinha todos os dias!

Às vezes, tinha coisa mais gostosa.

Quando se matava o porco, daí sim comíamos polenta e carne. Era um pedacinho pequeno, mas todos se deliciavam. Comia-se mais com o molhinho do que com a carne.

Era só no final do ano, na época do Natal, que comíamos os grüstui e tomávamos um copo de gasosa daquela vermelha.

Hum... que delícia!

**Clique para
ouvir este conto!**

EL DI DEA STRIGA

Quando rivava el di sie de genaro
gera quea festa. Gera el di che a striga
vegnea do sgoeando coa so scoa e, par
via de questo, ventava el di incero.

A nava vedre onde ghe gera tosatei,
par de note portarghe i dulsi.

Quando rivava a sera, nàvimo in cerca
de calsiti par picarli su so'l seciario,
rente onde se metia e sécie de àqua.

E eà ghe gera quatro, sìnque cioi che el
me nono metia par picar su i menestri
e anca a paeta de smissiar el poeastro.



I disea che a striga vegnea rento par el buso del camin, par queo che e so robe gera negre.

A vegnea quando tuti gìrimo drio dormir e a metia rento su i calsi: buiti, biscoti o caramee, conforme te meritavi.

Se i calsi gera pieni, gera parché te giri bon e te favi tuti i lauri che i te mandava far. Se nò, no te guadagnavi gnente. Ora, restàvimo tuti primosi.

I disea anca che a vegnea rento par el buso del seciario e nava fora par el camin.

Quealtro di, evàvimo su bonora e restàvimo tuti continti, parché bebìvimo el caffè con buiti e biscoti.

Uncó, saemo che ze el di dei tri re magi e metimo soldi so a porta prinsipae, onde se cata un buseto e su'n toco de fogia se scrive el nome de iuri (Baltazar, Melchior e Gaspar), domandàndoghe laoro, soldi e amore.

Dopo, su'n quealtro ano te ciapi i soldi e te compri dulse par i tosatei pi poareti e te miti eà depì soldi par quealtro ano far a stessa cosa.

Noantri credìvimo tuto queo che i pi veci i contava!



O DIA DA BRUXA

Quando chegava dia seis de janeiro era aquela festa. Era o dia que a bruxa boa vinha voando do céu com sua vassoura e, por causa disso, ventava o dia inteiro.

Ela ia ver onde havia crianças para, à noite, levar os doces.

Quando chegava à noite, íamos procurar meias para pendurá-las em cima da pia de madeira, perto de onde se colocava os baldes cheios de água.

E ali tinha quatro, cinco pregos que meu avô pregava para pendurar a concha e também a paleta para mexer o frango.

Eles diziam que a bruxa boa entrava pelo buraco da chaminé, por isso que suas roupas eram pretas.

Ela vinha quando todos estivessem dormindo e colocava dentro das meias bolinhos de chuva, biscoitos e balas, conforme você merecia.

Se as meias estivessem cheias, era porque você

era bom e fazia todos os serviços que eles te mandavam fazer. Se não, você não ganhava nada. Então, ficávamos todos ansiosos.

Diziam também que ela entrava pelo buraco da pia de madeira e saía pela chaminé.

No outro dia, levantávamos cedo e ficávamos todos alegres, porque tomávamos café com bolinhos e biscoitos!

Hoje sabemos que é o dia dos três reis magos e colocamos dinheiro em cima da porta principal da nossa casa, onde se acha um burquinho e em um pedaço de folha se escreve o nome dos três reis magos (Baltazar, Melquior e Gaspar), pedindo a eles trabalho, dinheiro e amor.

Depois, no outro ano, você pega aquele dinheiro e compra doces para as crianças mais carentes e coloca ali mais dinheiro para no próximo ano fazer a mesma coisa!

Nós acreditávamos em tudo o que os mais velhos diziam!



Sobre a autora

Maristela Cavassin Reginato é colombense de berço. Sua primeira língua foi o Talian. Aprendeu o português somente quando começou a frequentar a escola. Desde 2005, atua em projetos voltados à cultura italiana em Colombo, especialmente aqueles relacionados a essa língua de herança. É membro da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia e da Associazione Veneti nel Mondo – Colombo.

Realização:



ASSOCIAÇÃO ITALIANA
**PADRE ALBERTO
CASAVECCHIA**



Edital de fomento com recursos da Lei 14.017/2020 - Lei Aldir Blanc – por meio da Prefeitura Municipal de Colombo, através da Secretaria Municipal de Esporte, Cultura, Lazer e Juventude e Ministério do Turismo - Governo Federal.



SECRETARIA ESPECIAL DA **CULTURA** MINISTÉRIO DO **TURISMO**



ISBN: 978-65-00-49544-7

